

## DRUMMOND E O PARADIGMA DA PROVÍNCIA

Daniel de Oliveira Gomes\*

---

**Resumo:** O presente ensaio analisa a inclinação temática da poesia de Drummond, consagrada de modo geral pela crítica como uma universalidade de raízes provincianas. A tensão entre o pólo biográfico e o valor poético-ontológico aponta para uma problematização da mitologia da província. Aquilo que por vezes interpreta-se como “irregularidade”, vem a ser, por outro lado, uma marca estilística que acompanha a obra do poeta mineiro desde os primeiros trabalhos.

**Resumen:** El presente ensayo analiza la inclinación temática de la poesía de Drummond consagrada de manera general por la crítica como una universalidad de raíces provincianas. La tensión entre el polo biográfico y el valor poético-ontológico apunta para una problematización de la mitología de la provincia. Aquello que a veces se interpreta como “irregularidad”, viene a ser, por otro lado, una marca estilística que acompaña la obra del poeta minero desde los primeros trabajos.

**Palavras-chave:** Drummond; poesia; biografia; Itabira; globalização; província; gauche

**Palabras-clave:** Drummond; poesia; biografía; Itabira; globalización; provincia; gauche

---

*O mundo é grande e pequeno*

Caso do Vestido, Drummond

Objetivando uma fixação formal e uma assimilação semântica da poesia drummondiana, a crítica revela o quanto ela, em suma, constitui-se tematicamente como uma perseguição “torta” do universal. Notadamente, identifica-se a tendência

---

\* Universidade Federal de Santa Catarina

por definições idealistas e especulações ontológicas<sup>1</sup>, uma projeção filosófica do espaço-mundo, uma estilística de desenraizamento e desterritorialidade, o eu marginal versus o mundo marginalizador, etc. Tais direções fundamentariam o espírito *gauche* (de que trata Affonso Romano de Sant'Anna), a personalidade poética *ex-cêntrica*, como concebe e acata, com unanimidade, a crítica. Entretanto, neste solo de busca da universalidade através da palavra, as raízes da província são o que fincam o pólo biográfico do poeta, sua natureza pessoal explícita ou disfarçada nas várias nomações: José, Robinson Crusoe, Carlito, Carlos e outros.

Interessante é que a universalidade da obra de Drummond tem raízes profundamente provincianas. A província, onde o *Poeta municipal/ discute com o poeta estadual/ qual deles é o mais capaz de bater o poeta federal*, é a principal retórica de Drummond: é dela que saem a maior parte dos símbolos (Itabira, brejo das almas, fazendeiro do ar, boitempo, etc.) com que o Poeta, tocado pelo 'Espírito de Minas' ou bafejado por aquele 'doce vento mineiro', constrói a sua 'Lanterna Mágica' para ampliar as imagens comuns de sua infância, projetando-as numa 'existência verbal', ou melhor, naquele *largo horizonte do factível/ onde a realidade é a maior do que a realidade*<sup>2</sup>.

Portanto, sem procurar problematizar muito a questão diferencial entre *eu-lírico* e *persona*<sup>3</sup>, vemos que Drummond, em seu trabalho poético, ocupa o lugar temático de um discurso que desponta de um espaço de restrição em direção ao mundo. Mas também, em certo sentido, não está na esfera restrita dos assuntos da provín-

<sup>1</sup> “[...] Em ‘Suposta Existência’, Drummond, de modo linear e explícito, tece especulações em torno de interpretações filosóficas de natureza idealista. Estruturando como verso e reverso de uma mesma indagação fundamental em que se consubstancia a ‘teima interrogante de saber’ que espicaça o poeta, em sua primeira face o poema questiona a existência das coisas em si, problematizando portanto a existência e autonomia de uma realidade extra-mental. As perguntas que se propõe Drummond, as hipóteses que levanta, ressoa concepções do monismo de Fichte e sua lição de que o universo das coisas é um produto do eu: [...] *Como é o lugar/ quando ninguém passa por ele?/ existem as coisas/ sem serem vistas?/[...] existe, existe o mundo/ apenas pelo olhar / que cria e lhe confere/ espacialidade? [...]*”. CORREIA, Marlene de Castro. Drummond: A Magia Lúcida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2002, p. 137, 138.

<sup>2</sup> TELES, Gilberto Mendonça, “Drummond” in *A Retórica do Silêncio: Teoria e Prática do texto literário*, São Paulo: Cultrix, 1979, p. 204.

<sup>3</sup> “Persona” é o termo latino de onde origina a palavra “pessoa”. Curiosamente, significava a máscara usada pelos atores ao representarem uma personagem específica. Não esqueçamos, neste contexto, que a posição de escritor apresenta sempre uma ambigüidade, como fala Werneck Sodré, “[...] conjugam-se duas personalidades que nem sempre se fundem, a do escritor e a do homem [...]” Ver: SODRÉ, Nelson Werneck, “A ambigüidade do escritor” in *Ofício de Escritor: a dialética da literatura*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 74.

cia. Ocupa um *status* de discurso que se supõe como desapego do local e, igualmente, do universal, pois não vem a ser uma fala oriunda de um sujeito conhecedor do mundo. O sujeito provinciano que diz sobre o mundo está, por assim dizer, *fora do lugar*, no sentido da relação entre as experiências de discurso e espaço. Ou seja, alheio tanto à situação local (uma vez que dispensa dela discursivamente, ação da fala) quanto à universal (uma vez que a dispensa fisicamente, ação da viagem).

Podemos entender isto em Drummond, mas não de maneira ingênua e descuidada; temos de levar em conta que, obviamente, não há um lugar universal plena e propriamente dito. Como saber delimitar que alguém possui modos provincianos ou a ausência de maiores horizontes? Pelo número ou “nível” de viagens que faz? Sabe-se que Drummond não foi um escritor muito “viajado”; entretanto, muitos de seus poemas trazem toda complexidade própria de um amadurecimento mundano, de um interesse sensível pela filosofia da totalidade. Então, identificaríamos o caráter provinciano de um autor ao analisar a coerência de seu presente com as suas raízes familiares, sociais? Talvez também não seja o caso do poeta, filho de fazendeiro mineiro da pequena Itabira, desfrutando de uma infância tipicamente acolhedora e mitológica: banhos de bica na praia do Rosário, a velha preta, o presépio de Alfredo Duval, uma história “mais bonita que a de Robinson Crusoe”. Mas que, no entanto, se tornou um híbrido de funcionário público e intelectual aberto a problemas existenciais, intensamente melancólico, suportando – “sem mistificação” – o mundo com os ombros, enfim, um “ser sinistro”.

Com o ‘Poema das sete faces’, o homem desajustado ganha nítida existência na literatura nacional. Como em Bandeira, um anjo moreno, violento e bom brasileiro, revela o poeta sua essência fina e grossa ao mesmo tempo: um ser sinistro, *gauche* na vida. Se o poeta acreditasse firmemente na objetividade absoluta do conhecimento, tornar-se-ia dogmático. Mas não o é. Ao se dissolver nas coisas, não passaria de um romântico arrebatado, e sobra-lhe ceticismo para tanto. Realiza, em consequência, um árduo trabalho. Sensibilidade e melancolia [...] <sup>4</sup>.

Dessa sensibilidade poética, aliada à melancolia crescente e ao ceticismo, origina-se quase um complexo de autoreferencialidade, de indignidade de si, operada na descontinuidade característica do ser provinciano, e algumas vezes traduzida com metáforas de auto-punição, como no poema “A mão suja” ([...] *Minha mão está suja./ Preciso cortá-la/ não adianta lavar./ A água está podre./ Nem ensaboar./ O sabão é ruim./ A mão está suja./ suja há muitos anos [...]*). Imagens que se ligam à impureza,

<sup>4</sup> ANTELO, Raúl. “Revista Acadêmica” in *Literatura em Revista*, São Paulo: Ática, 1984, p.116,117.

redundadas, que se (re)voltam, uma tendência que Antonio Cândido chama de “auto-negação”<sup>5</sup>. No entanto, quando Drummond explora esse sentido de indignidade, não está apenas propagando uma razão individual de auto-negação, mas, igualmente, numa manifestação *gauche*, falando como um sujeito universal. Em outros termos, ele refere-se à própria individualidade humana, o homem universal como “espécie provinciana”, que se oprime e, de cujos valores tendenciosos ao individual, nasce uma culpa assombrosa, que o penetra. O desejo de auto-mutilação pode também ser visto como uma característica presumida no próprio ser. Aí reside a verdadeira excentricidade, como fenômeno poético-ontológico, proposta por sua poesia. Uma referência que não se desdobra tão somente na individualidade do escritor como, de igual modo, na condição essencial paratópica da definição humana, vale dizer, universal e provinciana.

O que faz Drummond oscilar de modo tão agudo tematicamente, no plano estilístico-biográfico, num mesmo livro (*Alguma Poesia*), entre “Poema de sete faces” e “No meio do Caminho”? O primeiro poema é multireferencial, detalhista e profético, marcando toda a obra posterior e toda a noção que entendemos passivamente também como a pura descrição poética de uma testemunha da província. “[...] *O homem atrás do bigode/ é sério, simples e forte./ Quase não conversa./ Tem poucos, raros amigos [...]*” O outro poema, por sua vez, causa impacto até hoje, sendo uma recordação abstrata e que se adapta à universalidade de quaisquer olhos humanos que se (re)voltam “ao meio do caminho”. “[...] *tinha uma pedra no meio do caminho/ no meio do caminho tinha uma pedra [...]*”. Ao estudar o memorialismo poético, Luiz da Costa Lima falou sobre uma “esquisita irregularidade” na obra de Drummond ao compará-la com a de João Cabral<sup>6</sup>, o que nos conduz a uma extrema fronteira autográfica<sup>7</sup>, apagada entre a significação restrita, particular, pessoal e, de outro lado, abrangente, total, humana. Interessante notar que essa falta de regularidade está presente tanto nos primeiros como nos últimos livros publicados, revelando-se, assim, um dado de estilo marcante.

<sup>5</sup> CANDIDO, Antônio. “Inquietudes na poesia de Drummond” in *Vários Escritos*. 2 ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977, p.100.

<sup>6</sup> LIMA, Luiz da Costa. “Carlos Drummond de Andrade: memória e ficção” in *Carlos Drummond de Andrade 50 anos de Alguma Poesia*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1981.

<sup>7</sup> “[...] Drummond institui de maneira nem sempre muito explícita *dois mitos* portadores destas duas opções ideológicas: o mito do começo e o da origem. Esses mitos se concretizam sempre em situações autobiográficas pois, como assinala agudamente Décio Pignatari, ‘o Drummond autobiográfico é antes autográfico: escreve-se a si mesmo para ser’ [...]”. SANTIAGO, Silvano. *O poeta enquanto intelectual*. Id., *ibid.*, p.47.

A poesia de Drummond não foi pendular para tal irregularidade, nem sofreu uma ascendência, mas equilibra-se, do ponto de vista do conjunto da obra, em uma homogeneidade significativa, visto que sustentou desde o início o mesmo espírito de excentricidade (de disparidade e, simultaneamente, acordo com o âmbito local). Literariamente e de modo geral jamais há segurança conceitual absoluta do espírito universal que o coloca definitivamente em oposição à província.

Todo indivíduo é fruto de uma soma de disponibilidades singulares, essencialmente subjetivas e articuladas pelo processo de sua experiência pessoal, de sua condição individual de captação, de observação, de vivência e de reconstrução do mundo à sua volta. Além disso, o indivíduo escreve-se com sua história pessoal e é igualmente escrito, no plano referencial, plástico-pictural, de interioridade, pela categoria do outro, cada vez que se apresenta em algum lugar com seu modo de comunicar a si ou a qualquer coisa. Dentro dessa filosofia estética, de certo modo bakhtiniana – em que, em síntese, o fundamento estético é dado essencialmente “a respeito” do sujeito/objeto e não como resultado formal de uma auto-expressão<sup>8</sup> – nota-se que no campo da Lingüística vem ocorrendo um crescente interesse, no que diz respeito à autoria literária, pelo caráter enunciativo que liga obra e vida. Novos conceitos surgem, instaurando também novas experiências discursivas sobre a tensão entre o espaço estético do escritor e o da obra. Dominique Maingueneau, ao investigar o campo literário, desenvolveu, por exemplo, o conceito de bio/grafia, com uma barra que propõe uma união e uma separação entre bio e grafia, postulando assim uma reciprocidade<sup>9</sup>.

Hoje, torna-se ainda mais problemática a tentativa de definir a característica do provincianismo segundo paradigmas meramente locais e objetivos. Cada vez mais e com mais intensidade estamos perdendo a noção de nossa *terra natal*, uma vez que sofremos, sem dela sair, influências do “mundo exterior”. O mundo avançado da informação, a era do *cyberespaço*<sup>10</sup> e da globalização cultural nos permite uma ciência do que ocorre em toda parte, mas também nos transforma, de algum modo, nessa parte toda. A universalidade da informação, segundo esse flanco, não passa de uma

<sup>8</sup> Ver: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira, São Paulo: Martins Fontes, 1997.

<sup>9</sup> MAINGUENEAU, Dominique. *O Contexto da Obra Literária*. São Paulo: Martins fontes, 2001, p. 40-80.

<sup>10</sup> Termo inventado por William Gibson, no romance *Neuromancer* (1984). Pierre Lévy o entende do seguinte modo: “[...] Eu defino ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. [...] A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século [...]” LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa, Rio de Janeiro: Editora 34, 1999, p.92.

modalidade de invasão *high-tech*<sup>11</sup>, de um espírito irresistível de eliminação dos obstáculos locais. A priori, invadimos de modo territorial e expansionista todo o mundo, toda a Terra.

[...] O homem, bicho da Terra tão pequeno/ chateia-se na Terra/ lugar de muita miséria e pouca diversão [...]"<sup>12</sup>.

Porém, tal espírito colonizatório, humanizatório, que serve muitas vezes de inspiração à obra drummondiana, avança como um impulso comunicacional, organizacional, de superação das próprias fronteiras. Michel Serres define um nome apenas para este dado ontológico: "L'être-partout", traduzido na edição de Portugal por "ser-em-toda-parte".

Nous n'avons pas seulement envahi l'espace du monde mais, si je peux dire, l'ontologie. Premiers dans la pensée ou la communication, les mieux informés des êtres organisés, les plus actifs des ensembles matériels. L'être-partout ne se diffuse pas seulement dans l'étendue mais dans les règnes de l'être<sup>13</sup>.

O *ser-em-toda-parte* se fortalece tanto mais massificado é o mundo, quanto mais nos apropriamos dos valores estrangeiros de maneira vertical, sendo, então, aculturalizados por diversidades longínquas, supra-territoriais, que nos chegam por meios ambíguos, e a diferença entre o universal e a província se dilui. Por um lado, vivemos em um mundo cada vez mais massificado, onde as pessoas parecem *carimbadas*, repetindo-se como produtos. Por outro, são muitos os cruzamentos identitários que acabam por imprimir em nós, em quaisquer que sejam as cidades que nos sirvam de paragem, uma heterogeneidade de linhas de atitudes, de presenças, de desejos, de

---

<sup>11</sup> O geógrafo Milton Santos, ao comparar o processo gradual de difusão das tecnologias sobre o mundo, antes da Segunda Guerra Mundial, com a velocidade ampliada nos dias atuais, chama-o de "processo brutal". Mais adiante, mostra que a televisão e o rádio, ao penetrarem o coração dos países, estabelecem uma presença digna de ser chamada de "invasiva"; nossas casas são invadidas pela informação. Ver: SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997, p.143.

<sup>12</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. "O Homem; as viagens" in *As Impurezas do Branco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

<sup>13</sup> SERRES, Michel. *Le Contrat Naturel*. Paris: Flammarion, 1990, p.40: "Não invadimos apenas o espaço do mundo, mas, se assim posso dizer. A ontologia. Primeiro no pensamento ou na comunicação, os mais bem informados dos seres organizados, os mais ativos dos conjuntos materiais. O ser-em-toda-parte não se difunde somente no espaço, mas nos reinos do ser".

poderes, de classes, ou seja, linhas que embaralham territórios etológicos que antes eram bem organizados. Vivenciamos, portanto, a fatalidade vertiginosa deste espaço caótico de queda<sup>14</sup> – o espaço das comunidades contemporâneas. Felix Guattari fala em uma “lógica do caos” na urbanidade atual, que deve ser examinada em suas singularidades subjetivas. Estamos testemunhando um período pós-nacional, cujas influências são cada vez mais variadas e universais.

O ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado. Com isso, podemos dizer que seus territórios etológicos originários – corpo, clã, aldeia, culto, corporação – não estão mais dispostos em um ponto preciso da terra, mas se incrustam, no essencial, em universos incorporais. A subjetividade entrou no reino de um nomadismo generalizado. Os jovens que perambulam nos *boulevares*, a exemplo, com seus *walkmans*, estão ligados a ritornelos que foram produzidos longe, muito longe de suas terras natais. Aliás, o que significam suas ‘terras natais’<sup>15</sup>?

A esse processo histórico de desterritorializações somos lançados, inserem-se as identidades locais no risco de um defasamento total de referências e suportes comportamentais. De tal modo, para além da divisão geográfica entre a província e o universo, localizamos outra particularidade, que Guattari chama de ‘cidade subjetiva’. É preciso, portanto, destacar a importância da subjetividade na percepção dos *pequenos ou grandes* valores que conferimos às pessoas ao rotulá-las como limitadas ou não à qualificação do provincianismo.

Drummond sempre foi, mitologicamente, inclinado pela concepção biográfica a um certo símbolo *ex-cêntrico*. Para Sant’Anna: “[...] afastado do centro, descentrado em relação aos valores comunitários [...]”<sup>16</sup>. Também a um modo peculiar, pacato, quieto e tímido, que o próprio poeta identificava nos mineiros. “[...] *Só os mineiros sabem. E não dizem/ nem a sim mesmos o irrelável segredo/ chamado Minas [...]*”. A figura da personalidade individual do poeta era também associada a uma lentidão interiorana, própria de uma “cidadezinha qualquer”: “[...] *Um homem vai devagar./ Um cachorro vai devagar./ Um burro vai devagar./ Devagar... as jane-*

<sup>14</sup> “[...] os gregos dizem *Kháos*. O que é o Caos? É um vazio, um vazio escuro onde não se distingue nada. Espaço de queda, vertigem e confusão, sem fim, sem fundo. Somos apanhados por esse Abismo como por uma boca imensa e aberta que tudo tragasse numa mesma noite indistinta. Portanto, na origem há apenas esse Caos, abismo cego, noturno, ilimitado [...]” VERNANT, Jean-Pierre. “A origem do universo” in *O universo, os deuses, os homens*. Trad. Rosa Freire d’Aguar, São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 17.

<sup>15</sup> GUATTARI, Félix. “Restauração da Cidade Subjetiva” in *Caosmose: um novo paradigma estético*. 1.ed. Trad. Ana Lúcia de Oliveira Leão e Lúcia Leão, São Paulo: Editora 34, 1991, p.169.

<sup>16</sup> SANT’ANNA, Affonso Romano de, “O projeto poético drummondiano” in op.cit. nota 6, p. 87, 88.

*las olham./ Eta vida besta, meu Deus. [...]*". Ao examinar o poema "América", Iumma Maria Simon evidencia uma dualidade subjetiva na paisagem mítica da infância do poeta. Drummond, no jogo descritivo de fechamento e abertura do espaço físico, termina por (con)fundir-se com o próprio espaço: "[...] *Sou apenas uma rua/ na cidadezinha de Minas/ humilde caminho da América. [...]*"<sup>17</sup>.

De modo geral, para o sujeito pacato o universo parece abstrato, friamente estranho, enquanto que para o sujeito nômade a estaticidade redutora e simplificadora da província é que parece estranha. Assim, a questão da restrição da personalidade vincula-se a um princípio mediativo de estranhamento, cujo valor é, acima de tudo, subjetivo. O valor que permite nos apoderarmos de um dizer sobre uma pessoa, que nos autoriza a discriminar ou respeitar determinados padrões de conduta, não passa somente pela identificação objetiva do conjunto de experiências imprimidas naquele sujeito. Afinal, essa síntese seria sempre impossível. Transita, sim, pela expectativa que temos, em todos os momentos, em relação ao comportamento do outro, de uma série de rituais humanos que, para conosco, se antecipam e se projetam de forma relacional.

Vale propor, para concluir, que a ambivalência da poesia de Drummond não está no seu grau de provincianismo, que o leva ao desejo de universalismo, ou, contrariamente, ao sentido poético universal que o resgata, o "salva" da situação original de província. A excentricidade está, sobretudo, na incerteza estabelecida, com perspicácia, de que o poeta representa freqüentemente valores extremos e universais e, ao mesmo tempo, pode ter sido para si mesmo e para alguns nada além de uma tímida ruazinha de Itabira.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *As Impurezas do Branco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

———. *Poesia Completa e Prosa*, Rio de Janeiro: Aguilar, 1973.

ANTELO, Raúl. "Revista Acadêmica" in *Literatura em Revista*, São Paulo: Ática, 1984.

---

<sup>17</sup> Ver: SIMON, Maria Iumna. "Uma rua começa em Itabira" in *Drummond: uma poética do risco*. São Paulo: Ática, 1978, p.128-133.



- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira, São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CANDIDO, Antônio. “Inquietudes na poesia de Drummond” in *Vários Escritos*. 2 ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.
- CORREIA, Marlene de Castro. *Drummond: A Magia Lúcida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GUATTARI, Félix. “Restauração da Cidade Subjetiva” in *Caosmose: um novo paradigma estético*. 1 ed. Trad. Ana Lúcia de Oliveira Leão e Lúcia Leão, São Paulo: Editora 34, 1991.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- LIMA, Luiz da Costa. “Carlos Drummond de Andrade: memória e ficção” in *Carlos Drummond de Andrade 50 anos de Alguma Poesia*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1981.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O Contexto da Obra Literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. “O projeto poético drummondiano” in *Carlos Drummond de Andrade 50 anos de Alguma Poesia*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1981.
- SANTIAGO, Silviano. “O poeta enquanto intelectual” in *Carlos Drummond de Andrade 50 anos de Alguma Poesia*. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1981.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SERRES, Michel. *Le Contrat Naturel*. Paris: Flammarion, 1990.
- SIMON, Maria Iumna. “Uma rua começa em Itabira” in *Drummond: uma poética do risco*. São Paulo: Ática, 1978.
- SODRÉ, Nelson Werneck, “A ambigüidade do escritor” in *Ofício de Escritor: a dialética da literatura*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- TELES, Gilberto Mendonça, “Drummond” in *A Retórica do Silêncio: Teoria e Prática do texto literário*, São Paulo: Cultrix, 1979.
- VERNANT, Jean-Pierre. “A origem do universo” in *O universo, os deuses, os homens*. Trad. Rosa Freire d’Águiar, São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

UNILETRAS 24, DEZEMBRO 2002